

USO CRÍTICO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MEDIAÇÃO DE LEITURAS LITERÁRIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE "O ALIENISTA" DE MACHADO DE ASSIS.

Heloísa Gianna Honório De Moraes¹
Jennifer Patrocínio dos Santos²
Anderson Carnin³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência e a análise de uma atividade de mediação de leitura elaborada no âmbito da prática do PIBID, projeto de Língua Portuguesa, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. A proposta foi desenvolvida para a disciplina de Redação e Leitura das terceiras séries do Ensino Médio, em uma escola estadual localizada em Campinas/SP, e buscou relacionar a obra *O Alienista*, de Machado de Assis, ao uso crítico e responsável de Inteligências Artificiais generativas, tecnologias baseadas em LLMs, no cotidiano dos estudantes. Para tanto, elaborou-se uma aula estruturada em três etapas: i) Espaço para o diálogo sobre o livro com os estudantes; ii) Dinâmica com Inteligência Artificial, utilizando-se de um prompt para que a IA simulasse o protagonista Simão Bacamarte e dialogasse com os alunos; e iii) Momento de debate mediado sobre o uso crítico de IAs. Em termos de referenciais teórico-metodológicos, a análise se deu à luz das ideias propostas por Assis e Farbizar (2023), que discutem a importância da educação para os meios e da formação crítica diante das tecnologias; de Balmant (2024), que aborda as transformações no papel docente frente à inteligência artificial; e de Buzato (2023), que problematiza as relações entre IA, pós-humanismo e educação, considerando os riscos do simulacro e as potencialidades da assemblagem no contexto pedagógico. Os resultados demonstraram-se positivos e possibilitaram a reflexão a respeito da utilização das IAs no contexto educacional. A partir da experiência, evidencia-se a necessidade de aprofundar os estudos sobre o ensino de língua portuguesa para integrar a Inteligência Artificial de forma crítica e consistente, especialmente nas disciplinas de Literatura e Produção Textual. Em vez de rejeitar a inteligência artificial no ambiente educacional, parece-nos mais produtivo incorporá-la às práticas pedagógicas e promover debates que estimulem a reflexão crítica e o desenvolvimento sólido dos estudantes.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Literatura; Ensino Médio; Machado de Assis; Alienista.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), h257461@dac.unicamp.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), j252370@dac.unicamp.br;

³ Professor orientador: Doutor em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) - Unicamp, carnin@unicamp.br

INTRODUÇÃO

A crescente preocupação dos impactos da utilização de Inteligências Artificiais (IAs) em diferentes contextos se tornou um debate socialmente relevante e de extrema urgência. Nesse cenário muito atual, o sistema escolar ganha destaque, evidenciando problemáticas presentes nos contextos das mais diversas salas de aula, uma vez que a utilização de IAs pelos estudantes de distintas séries e realidades escolares tem gerado uma inquietação entre docentes de todas as áreas, especialmente as matérias envolvendo produções textuais e/ou leitura. Durante a experiência de estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Letras, realizada na Escola Estadual Djalma Octaviano, parceira do PIBID, no âmbito da disciplina disciplina de “Redação e Leitura”, foi desenvolvida uma aula de Literatura com o objetivo de relacionar o livro “O Alienista”, de Machado de Assis, à utilização crítica e não substitutiva do pensamento e trabalho humano de IAs no trabalho em sala de aula com os estudantes. A estratégia adotada pelas estagiárias/bolsistas do PIBID foi, justamente, a utilização da própria Inteligência Artificial como uma aliada — não uma inimiga — no campo dos estudos, inclusive em relação à prática de leitura literária. Isso porque foi compreendido que o “banimento” do uso da ferramenta não era mais uma opção viável, portanto a sua implementação de forma crítica e orientada pedagogicamente era um caminho promissor para uma maior adesão ao aprendizado e ao trabalho de leitura com um clássico da literatura nacional.

A aula foi dividida em duas etapas: i) Espaço para o diálogo sobre o livro com os estudantes, além de um resumo completo da obra; ii) Dinâmica com Inteligência Artificial e debates sobre o uso de IAs nos estudos. Na primeira etapa, foi realizada uma roda de conversa sobre o livro com os estudantes, além de um mapeamento dos entendimentos e opiniões sobre a narrativa. As estagiárias realizaram um resumo completo de todos os acontecimentos da história do livro, narrando os principais eventos de forma interativa e bem-humorada. Esse meio utilizado para a “contar” a história, tem como o objetivo principal prender a atenção da turma e garantir uma melhor compreensão da obra, especialmente considerando o perfil dos alunos: adolescentes entre 16 e 18 anos, do terceiro ano do Ensino Médio, em uma escola pública localizada na zona leste de Campinas. Apesar de normalmente apresentarem pouco engajamento nas aulas, nesse encontro os estudantes demonstraram grande interesse a partir

da abordagem dinâmica utilizada, o que favoreceu o desenvolvimento da segunda parte da aula.

A segunda etapa consistiu em uma dinâmica utilizando a ferramenta Gemini Studio, na qual a Inteligência Artificial foi treinada para interpretar o personagem principal do livro, o Doutor Simão Bacamarte. Nessa interação, os alunos foram convidados a conversar diretamente com a plataforma, que respondia como se fosse o próprio médico da obra machadiana, mantendo sua postura autoritária e sua lógica absurda de internação na Casa Verde. A dinâmica se tornou bastante divertida e atrativa, incentivando até mesmo os estudantes mais tímidos a participarem efetivamente.

Os alunos elaboraram diversos “perfis de pacientes” e até mesmo se incluíram e incluíram de forma respeitosa seus colegas na “avaliação” do alienista. Nenhum estudante mobilizou desrespeitos ou discursos de ódio ao decorrer da dinâmica, mas as estagiárias foram questionadas pelos próprios alunos se a IA repudiaria tais atos. Após esse questionamento, as idealizadoras do projeto explicaram que a Inteligência Artificial foi instruída a repreender todo tipo de conteúdo ofensivo e preconceituoso dirigido a ela nessa dinâmica.

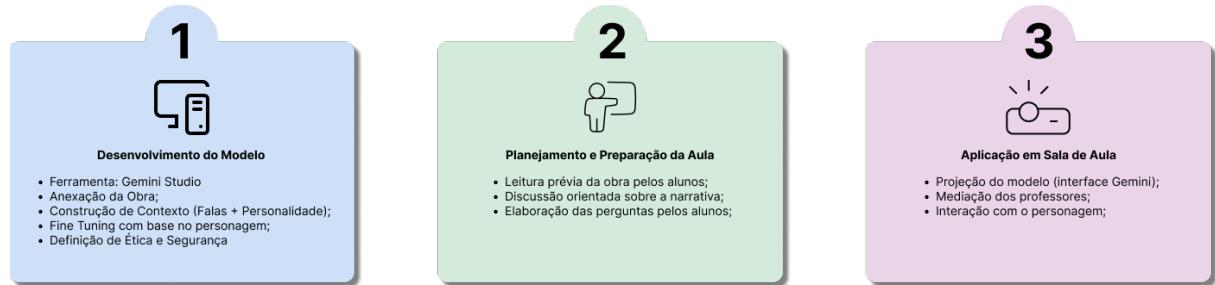
Ao final da segunda etapa, foi fomentado um debate reflexivo sobre o uso de IAs com os alunos, destacando sua utilização como ferramenta auxiliar nos estudos e reforçando principalmente que elas não funcionam de maneira autônoma: é necessário conhecimento humano e comandos claros para que as respostas sejam adequadas. Esse diálogo foi elaborado a fim de desconstruir a ideia de que a IA pode substituir o esforço humano no processo de aprendizagem, mostrando que ela depende diretamente das intenções e do repertório de quem a utiliza, ou seja, sem uma base sólida de conhecimentos e sem o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita críticas, os resultados obtidos com o uso da IA tendem a ser superficiais ou até equivocados. Com isso, a sala foi incentivada a refletir criticamente sobre o uso de IAs como apoio e não como substituto no processo de aprendizagem, valorizando os conhecimentos que eles possuem e as tantas possibilidades da utilização criativa das tecnologias para a área da educação.



METODOLOGIA

Em termos metodológicos, este estudo se caracterizou como uma **pesquisa-ação** com abordagem qualitativa, na qual as ministrantes da aula entrevieram diretamente no ambiente educacional (sala de aula) com o objetivo de investigar e propor uma solução para um problema prático: a integração da inteligência artificial no processo de ensino-aprendizagem de literatura, mais especificamente, da leitura literária. A metodologia foi estruturada em uma perspectiva dialógica, buscando a construção conjunta do conhecimento entre educadores e educandos, em concordância com um pensamento de Paulo Freire, no qual os sujeitos se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

A aplicação do projeto foi dividida em três fases principais: o desenvolvimento da ferramenta de IA, preparação da aula e aplicação da aula (Fig. 1).



Perfil dos estudantes

O projeto foi implementado em duas turmas de 3^a série do Ensino Médio da escola estadual Profº Djalma Octaviano, compostas por aproximadamente 30 alunos cada uma, de ambos os sexos e com uma média de idade entre 16 e 18 anos de idade.

Os estudantes foram instruídos a realizar a leitura prévia da obra “O Alienista”, de Machado de Assis. A leitura e discussão da obra serviram para que os estudantes tivessem uma base comum de conhecimentos sobre o texto literário antes da execução do projeto.

Modelo de IA

Para a criação e desenvolvimento do modelo de IA, utilizou-se a ferramenta Gemini Studio, na qual através da vinculação da obra, construções de contexto e *fine tuning* (ajuste





do modelo para lidar com o projeto), foi possível criar um modelo de LLM com uma base sólida para as etapas posteriores. X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Na construção de contexto, foram utilizadas falas do personagem “Simão Bacamarte”, retiradas do próprio livro, e traços de personalidades descritas pelo próprio autor, fazendo com que o modelo tivesse uma básica exemplificação de como agir, responder, dialogar e tratar as mensagens enviadas para ele. Alguns exemplos de contextos incluem: “Utilizar uma linguagem formal e o tom cientificista do século XIX”, “Responder às perguntas defendendo seus métodos na Casa Verde com base em uma lógica científica”, “Manter-se no personagem durante toda interação”, entre outras..

Na etapa de *fine tuning* do modelo, utilizou-se o modelo gemini 2.0 como modelo base, e em seguida, separamos conjuntos de dados com perguntas e respostas vindas do livro de pacientes e as respostas recebidas pelo personagem Simão. Realizamos um treinamento do modelo para que as respostas ficassem mais próximas das respostas esperadas, o que permitiu um personagem coerente ao original da obra machadiana.

Para finalizar a etapa de desenvolvimento do modelo, foram passadas instruções para lidar com questões ofensivas, preconceituosas e que tentassem burlar o projeto. Para isso, foram criados contextos como “Em perguntas homofóbicas, racistas ou ofensivas de qualquer forma, aja com frieza e enfatize que não concorda com as abordagens, e então, solicite que a pessoa volte a levar a consulta a sério.”. Esse tipo de contexto foi importante para lidar com eventuais ocasiões que surgem ao lidar com públicos distintos.

Interação Mediada

Após a criação do modelo, foi utilizada a interface do próprio Gemini Studio (com o modelo selecionado) e projetada em tela, para que a turma pudesse acompanhar. As mediadoras organizaram as perguntas dos alunos e inseriram-nas na ferramenta. Os estudantes foram incentivados a questionar o “Dr. Bacamarte” sobre seus critérios para internação, sua definição de loucura, suas motivações e o que ele pensava sobre a sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

Para além de seu caráter experimental e empírico, a experiência vivenciada no âmbito do estágio docente, articulado ao subprojeto do curso de Letras do PIBID Unicamp,



propiciou uma gama bastante plural de reflexões e de conexões com as discussões teóricas vistas em disciplinas diversas da universidade. É possível relacionar, em primeiro lugar, com

o que foi sugerido por Buzato (2023), em que o autor coloca que uma compreensão mais transparente da relação entre consciência humana e modos não humanos de atenção pode levar a uma educação mais robusta e menos reducionista, além de defender uma Educação menos antropocêntrica e mais protetora da dignidade de tudo que possui sensibilidade e imaginação (sem, contudo, desmerecer o uso da IA como artefato útil para esse objetivo). Assim,

(...) pensar em [no modelo de] assemblagem nos indica que é mais smart nos ocuparmos menos de encontrar IAs detectoras de plágios de IA para redações de vestibular e mais em do que uma redação (“algorítmica”) de vestibular ainda diz, de fato, sobre “inteligência”; ou investir menos em IAs educacionais fantasiosas e mais em tempo e incentivo de pesquisa, autodesenvolvimento e de autonomia criativa para professores que possam delegar tarefas de “educação bancária” a IAs “honestas” em troca de mais interação humano-humano significativa.” (Buzato, 2023, p. 9)

Nesse sentido, o autor propõe a discussão de um uso crítico das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com uma desmistificação do caráter “inteligente e humano” das IAs, concebido pelo senso comum. Tal articulação foi uma das bases para propor a reflexão sobre o uso crítico da Inteligência Artificial no contexto educacional.

Além disso, a discussão também pode ser concebida à luz de Assis e Fabiarz (2018), que, em seu artigo "Conectar ou desconectar: debates sobre a reflexão a partir da Educação para os meios", examinam criticamente a ideia de que a mera introdução de tecnologia nas escolas melhora o ensino. O texto propõe que a educação para a mídia é crucial para desenvolver o pensamento crítico, capacitando os alunos a questionar as narrativas midiáticas e as ideologias de consumo. Ele alerta sobre a influência de grupos hegemônicos na formulação de políticas educacionais, defendendo que a escola deve ser um espaço de análise e superação das desigualdades sociais, e não apenas um reproduutor de ideologias dominantes. Dessa forma, em vez de simplesmente usar a tecnologia, a educação deve focar na formação cidadã e na reflexão sobre as implicações sociais da mídia.

No que diz respeito aos resultados obtidos a partir da aplicação da atividade de mediação de leitura, articulando o debate sobre o uso crítico da Inteligência Artificial com a

obra machadiana “O Alienista”, foi possível perceber um engajamento considerável dos estudantes participantes da aula e um bom entendimento inicial, ainda que superficial, por

parte deles das questões contemporâneas que são atravessadas pelo uso das novas tecnologias em ascensão.

Após a aula, a professora supervisora do estágio/PIBID relatou uma procura expressiva dos alunos das terceiras séries do Ensino Médio pelo livro de Machado de Assis, tanto no ambiente físico da Sala de Leitura quanto no ambiente digital das plataformas para leitura impostas e monitoradas pelo governo estadual. Ouviu-se igualmente relatos dos estudantes que disseram que, após a dinâmica interativa de diálogo com a IA performando Simão Bacamarte, eles se sentiram mais motivados a ler o livro de Machado de Assis — mesmo os mais resistentes à leitura das obras literárias obrigatórias procuraram o audiolivro para descobrirem mais detalhes sobre a narrativa. Tais questões podem se configurar como um aspecto positivo no que tange ao diálogo do ensino de Literatura e Produção de Textos com as LLMs, ampliando a percepção dos estudantes acerca dessas ferramentas e propondo uma visão crítica sobre o seu uso dentro do contexto educacional.

Muitos dos alunos também passaram a questionar a veracidade das informações geradas e reproduzidas pelas LLMs e tiveram uma pequena mudança de paradigma ao encararem as próprias produções textuais e pesquisas. Antes dessa aula, os estudantes utilizavam LLMs, a exemplo do ChatGPT, para que elas fizessem integralmente as redações escolares e tarefas de casa que eles precisavam entregar, sem revisar os textos produzidos e confiando plenamente no conteúdo produzido pela IA. Depois de saberem que há treino, contextualização e programação das IAs, de modo que elas atendem a propósitos e aspectos diversos e que podem cruzar informações e disseminá-las de forma equivocada, foi possível perceber, nas aulas subsequentes, uma pequena hesitação dos alunos em utilizar o GPT para produzir seus textos, e uma melhora em suas produções textuais.

Além disso, sob outra perspectiva, para as estagiárias que ministraram a atividade mencionada, houve uma formação teórica e uma expansão dos debates que estão sendo realizados continuamente dentro do âmbito acadêmico, relacionando de forma mais eficaz a teoria estudada na universidade com a prática docente real. Isso é bastante importante, considerando que ainda há certa nebulosidade para muitos graduandos e educadores em formação sobre o uso da IA e seus impactos em sala de aula, e ora o debate é perpassado por



fascinações e fetichismos tecnológicos, ora por intensa demonização da tecnologia em detrimento ao ensino tido como “tradicional”. Inegavelmente, faz-se necessário ampliar o leque de percepções e conceituações, a fim de melhor construir esse debate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a partir da experiência vivenciada e dos conhecimentos teóricos adquiridos, depreende-se a necessidade de maiores estudos nas áreas referentes ao ensino de língua materna, a fim de melhor articular a inserção da Inteligência Artificial no contexto escolar, sobretudo nas disciplinas de Literatura e Produção Textual. Tal movimento demanda a adoção de uma perspectiva crítica do uso da tecnologia por parte dos docentes, o que pode se configurar, a princípio, como uma tarefa desafiadora, mas necessária, tendo em vista que as IAs, sobretudo as baseadas em LLMs, vêm ocupando um espaço significativo nas práticas de aprendizagem dos estudantes dentro e fora da sala de aula.

Assim, ao invés de rechaçar e propor um combate ativo à artificialidade e a ferramentas como o Gemini e o ChatGPT, por exemplo, ou se ater a uma ótica fascinada e fetichista atrelada ao uso da tecnologia no âmbito educacional, é interessante pensar em possibilidades de uso destas nas práticas pedagógicas cotidianas, tornando as ferramentas supracitadas recursos que facilitem e estimulem o ensino-aprendizagem dos alunos. Para além de utilizá-las como ferramentas, o professor pode igualmente propor um debate ativo com os discentes, construindo um processo sólido de reflexão crítica que transcenderá os anos de formação básica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e aos coordenadores do PIBID–Letras-Português da Unicamp, pelo apoio e orientação ao longo do percurso formativo. À Universidade Estadual de Campinas, pelo suporte institucional que possibilitou a realização deste trabalho. Ao professor orientador, Prof. Dr. Anderson Carnin, pela atenção, incentivo e auxílio durante o desenvolvimento da atividade. À supervisora





Daniele Barcelos Silveira Vitolo, por ter gentilmente cedido sua sala de aula e confiado nos bons frutos que o PIBID pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Leandro Marlon Barbosa; FARBIARZ, Alexandre. Conectar ou desconectar: debates sobre a reflexão a partir da Educação para os meios. **Comunicação & Educação**, v. 23, n. 2, p. 4-68.

ASSIS, M. de. **O alienista**. [s.l.]: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro, 1994.

BALMANT, O. **Como a inteligência artificial vai mudar o trabalho do professor?** CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/como-a-inteligencia-artificial-vai-mudar-o-trabalho-do-professor/>. Acesso em: 11 set. 2025.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Inteligência artificial, pós-humanismo e Educação: entre o simulacro e a assemblagem. **Dialogia**, [S. l.], n. 44, p. e23906, 2023. DOI: 10.5585/44.2023.23906. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23906>. Acesso em: 13 set. 2025.